

## SER PROFESSORA DE PORTUGUÊS EM TRÊS CONTEXTOS DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Andreza Alaana Trindade Batista<sup>1</sup>  
Bruno Alves Pereira<sup>2</sup>

### INTRODUÇÃO

O presente trabalho objetiva relatar as minhas experiências como aluna de graduação e aluna bolsista de alguns projetos da Universidade Estadual da Paraíba. Para tanto, é necessário que entendamos que a ligação entre teoria e prática sempre foi um grande desafio, principalmente na área da educação, mas não exclusivamente nela. Existe uma distância entre o pensar e o fazer algo que pode ser vencida e um dos caminhos para a superação dessa situação é a participação em atividades de iniciação à docência. Contextos esses que constroem conhecimento com ênfase na prática, sem perder de vista, porém, a base teórica. Um contexto de iniciação à docência é, pois, uma oportunidade de vivenciar situações concretas e significativas, baseada no tripé: sentir/pensar/agir, com objetivos pedagógicos. Em outras palavras, num contexto de iniciação à docência ocorre apropriação, construção e produção de conhecimentos teóricos e práticos, de forma ativa e reflexiva.

Para mim, o principal objetivo dos contextos de iniciação à docência é o de oferecer aos participantes um desenvolvimento crítico-reflexivo, a partir da integração do conhecimento prévio dos futuros professores com a apropriação de novos conhecimentos e práticas. Emília Freitas de Lima apresenta a seguinte caracterização relativa à fase inicial da docência:

Basicamente, pela passagem de estudante a professor, iniciada já durante o processo de formação inicial, por meio da realização de atividades de estágio e prática de ensino. Entretanto, neste caso, o contato dos estudantes com o campo profissional é exógeno, ou seja, eles ainda não são efetivamente profissionais. Assim, as características do início da docência aí se manifestam com algumas especificidades (LIMA, 2004, p. 01)

Um docente, que se preocupe com que a sua prática educacional esteja voltada para a transformação, não poderá agir inconsciente e irrefletidamente. Cada passo de sua ação deverá estar marcado por uma decisão clara e explícita do que está fazendo e para onde possivelmente está encaminhando os resultados de sua ação. Diante disso, fica claro que, em qualquer contexto de iniciação docente, se faz necessária uma abordagem crítico-reflexiva, para um desenvolvimento satisfatório do futuro docente e até mesmo do projeto em questão. Assim, através do nosso relato de experiência, objetivamos reiterar a importância do estudo dos contextos de iniciação à docência, refletir sobre a relevância deles, destacar as contribuições que ter participado dessa prática trouxe para minha formação acadêmica.

### O PRÓ-ENEM

De início, é importante relatar um pouco acerca dos contextos que participei, apresentando “o que são” e em que época da minha trajetória acadêmica participei de cada um. O primeiro como já citado foi o Pró-Enem que é um cursinho que serve como preparação

<sup>1</sup> Licencianda em Letras-Português da Universidade Estadual da Paraíba – PB, [andreza\\_valentino@hotmail.com](mailto:andreza_valentino@hotmail.com)

<sup>2</sup> Professor orientador: Mestre em Linguagem e Ensino, [brunoapcg@bol.com.br](mailto:brunoapcg@bol.com.br)

de alunos que vão fazer o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Na Universidade Estadual da Paraíba, o Pró-Enem é vinculado a um programa de Extensão no qual cada disciplina ofertada possui um orientador (que são os professores da universidade) que por sua vez possui um monitor (quem, de fato vai ser professor da disciplina). Na época, fui classificada para ser monitora da disciplina de Produção Textual.

O ano era 2015, estava no segundo período do curso de Letras-Português. Dito isso, já é possível imaginar a minha inexperiência em sala de aula. E essa não era uma sala qualquer masuma com cinquenta alunos de todas as idades, de pessoas que estavam cursando o primeiro ano do ensino médio até pessoas que já haviam parado de estudar há quinze anos. Esse projeto foi, sem dúvidas, o mais desafiador e mais transformador para mim. Foi a partir dele que eu passei a me constituir como professora.

Digo que foi o contexto de iniciação mais desafiador para mim, pois foi a minha primeira experiência em uma sala de aula. Antes, eu nunca havia entrado em uma sala de aula como professora. Apesar de, no Pró-Enem, sermos chamados de monitores, eu era a professora de produção textual daqueles alunos, tendo em vista que os orientadores e coordenadores não tinham contato efetivo com os alunos. Esse contexto de iniciação também foi o mais transformador para mim, pois fez parte de uma transição na minha vida, quando eu saí de uma licencianda do curso de Letras para uma licencianda/docente do curso. Esse fato ocorreu por esse ter sido de todos os contextos o mais longo: participei dele por três anos, acredito que o tempo também contribuiu para tamanha transformação.

## **O ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

O segundo contexto de iniciação à docência que participei envolve os Estágios de Observação e Intervenção. Esse é um contexto pelo qual todos os alunos de licenciatura passam pelo fato de serem disciplinas obrigatórias do curso. Na época em que cursei essas disciplinas, elas eram divididas da seguinte forma: Estágio Supervisionado I, que chamamos de estágio de observação, em que o futuro docente vai observar uma turma do Ensino Fundamental e uma do Ensino Médio. Nesse estágio, eu observei uma turma do sétimo ano de uma escola municipal localizada em uma zona periférica da cidade de Monteiro-PB. Escolhi essa turma para que pudesse ter uma experiência nesse contexto de ensino. No mesmo estágio, observei uma turma do terceiro ano do ensino médio em uma escola estadual da mesma cidade. Na época, escolhi essa turma por pertencer ao Programa Educação de Jovens e Adultos (EJA) e pelo professor regente ser um professor que eu admirava bastante. Infelizmente, por alguns imprevistos na disciplina, não consegui fazer o meu estágio de intervenção na mesma turma do ensino médio, só consegui manter-me na turma do fundamental.

O Estágio Supervisionado III, também conhecido como estágio de intervenção é o que vamos focar nesse trabalho, é nessa experiência que me basearei para fazer o meu relato de mais um contexto de iniciação à docência. Desse, eu participei no ano de 2018. A minha intervenção se deu em uma escola pública da rede estadual na cidade de Monteiro-PB, a turma em que fiz a intervenção era uma turma do primeiro ano do Ensino Médio. Nesse contexto, eu já tinha uma experiência maior e segurança também, porém, lidei com um grande problema que era o de não executar minhas ideias em sala de aula tal como eu havia planejado. Logo no início do estágio, todos os estagiários montam uma sequência didática para planejar todas as aulas e todos sabem também que não é possível que as aulas saiam tal como está na sequência. Porém, nesse estágio, outro fator dificultou ainda mais a execução da sequência que foi a professora regente da turma.

Sabemos que, como professora da turma, ela teria todo direito de opinar em tudo: na sequência, nos planos de aula, nas atividades e até de modificar o que ela percebesse que era necessário. Mas a professora foi além: não só modificou a sequência, como também me fez só dar aula do que ela havia planejado para a turma, não apenas no quesito conteúdo, mas na forma que eu daria a aula. Enfim, o que ocorreu de fato é que, ao invés de eu montar a sequência e aplicá-la, acabei por aplicar a sequência que a professora regente criou. Para mim, esse foi o projeto que me ensinou que um professor sempre terá que passar por dificuldades e se adequar às várias situações da educação.

## **A RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA**

Esse contexto de iniciação surgiu para mim já no final da minha graduação. Eu já havia cursado todas as disciplinas que eram obrigatórias para mim. Nesse momento, surgiu na universidade uma seleção para participar de um novo projeto e, apesar de estar em fase final da minha graduação e de já ter participado de outros contextos de iniciação, decidi que iria participar de mais um, aliás, iria tentar participar, pois ainda iria me submeter à seleção. Fiz todos os processos da seleção e fui aprovada para a residência, e sem dúvidas eu não poderia ter tomado decisão melhor. Participo do programa desde 2018. A residência é diferente de todos os outros contextos de iniciação à docência e acredito que a escola na qual atuo contribuiu para isso, por ser uma escola de certa forma diferente e nova para mim: a Escola Cidadã Técnica Integral (ECIT).

Para mim, a residência se tornou diferente dos demais contextos de iniciação à docência por buscar aprimorar os alunos de licenciatura a partir da segunda metade do curso para o aperfeiçoamento da sua formação prática. Diante disso, fica claro que a residência é um contexto de iniciação totalmente diferente dos demais. Na prática, quando estamos inseridos nesse contexto, notamos, a cada momento, essa diferença. Na residência, trabalhamos em grupos de oito pessoas e intervimos em sala de aula em duplas, e isso não foi algo escolhido. Foi algo determinado pelo coordenador e já se constitui diferente dos demais, e de início, foi o que me chamou atenção para esse contexto, pois sempre senti a necessidade de trabalhar em grupo nessa área docente. Outra diferença é que o professor preceptor faz parte do programa também. Os problemas com professores regentes que aconteceram no estágio aqui já não acontecem.

Na residência, nós temos total liberdade com nossas turmas, tudo o que acontece na nossa turma nós temos conhecimento, participamos desde a decisão do conteúdo até a aula. O nosso preceptor opina nas nossas decisões, mas nunca impõe nada, nós sempre temos o poder de pensar e decidir – os oito juntos ou cada dupla. O papel do coordenador e do preceptor é mais voltado para nortear e auxiliar os futuros docentes. Após todas as minhas experiências em todos esses contextos de iniciação à docência, estou certa de que não havia melhor contexto para eu encerrar a minha graduação com a certeza de que o mercado de trabalho não é fácil e que a educação também não, mas, se formos todos “juntos”, sem dúvidas a nossa caminhada será mais tranquila e prazerosa. Dito isso, a residência tem sido o contexto que está me moldando como docente, me mostrando que ser professor tem lados maravilhosos e que sempre vai valer à pena lutar pela educação.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em cada projeto que vivenciei, percebi uma forma diferente de me constituir como profissional da área. O Pró-Enem, o primeiro projeto que participei durante a graduação me transformou e me “acordou” para uma nova fase da minha vida; o estágio me mostrou que,

por mais que eu tivesse ideias para a educação, nem sempre eu conseguiria colocá-las em prática; a residência tem me ensinado que cada dia é um novo dia e que eu não estou sozinha pela educação e acima de tudo me ensina a trabalhar em grupo, tendo em vista que divido minha experiência, direta e indiretamente, com os meus colegas, coordenador e preceptor.

Diante disso, se faz necessária a participação de alunos de licenciatura em contextos de iniciação à docência, para que cada um possa construir a sua história docente ainda dentro da graduação e para que, a cada ano, tenhamos mais professores capacitados e ainda mais alunos satisfeitos e preparados. Cada contexto de iniciação é importante para a construção do ser, tanto como docente como ser humano, pois cada experiência nos torna mais humanos.

**Palavras-chave:** Estágio Supervisionado. Pró-Enem. Residência Pedagógica.

## **REFERÊNCIAS**

LIMA, Emilia Freitas de. A construção do início da docência: reflexões a partir de pesquisas brasileiras. **Revista do Centro de Educação**, v. 9, n. 2, 2004.